

A transição de Octávio Brandão ao marxismo: os livros *Canais e Lagoas* e *Rússia Proletária*

FELIPE CASTILHO DE LACERDA*

Octávio Brandão nasceu em Viçosa, Alagoas, a 12 de setembro de 1896. Em Recife, formou-se farmacêutico em 1914. Viveu em Maceió e lá travou contato com o movimento operário anarquista. Participou da criação de organizações operárias e foi preso pela primeira vez em março de 1919 (BATALHA, 2009: 36). Na capital alagoana, conheceu o tipógrafo Antônio Bernardo Canellas e começou, ainda muito jovem, a escrever artigos para o modesto jornal *Semana Social*. Por sua atividade política, Brandão teve de retornar à cidade natal para fugir da perseguição. Ameaçado de morte, abandonou Alagoas e rumou à capital federal (MORAES, 2014: 14-15).

Chegou ao Rio, portanto, já com alguma experiência no movimento operário. Virou-se como pôde para prover seu sustento. Possuiu farmácia, que se deslocou de um lugar a outro, trabalhou como linotipista e revisor de jornal. Conheceu aquela que se tornaria a sua companheira, a poetisa Laura da Fonseca e Silva. Participou do movimento operário, publicando artigos em jornais conhecidos, como o *Spartacus*, do próprio Rio de Janeiro e *A Plebe* de São Paulo. Afastou-se do anarquismo em fins de 1921 e travou relações com o PCB desde a sua fundação, em março de 1922. Em outubro aderiu ao partido. Em 1924, foi o responsável pela tradução do *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels, a partir da tradução francesa de Laura Lafargue (BRANDÃO, 1978: 241).¹

Octávio Brandão escreveu seu livro *Canais e Lagoas* ainda em Alagoas, vindo a publicá-lo em 1919, no Rio de Janeiro. Publicou uma série de brochuras na capital federal. Ao aderir ao PCB, escreveu *Rússia Proletária*, onde fazia uma apologia da Revolução de 1917. Neste livro, tentou pela primeira vez interpretar a realidade brasileira a partir do que leu sobre o marxismo. Em meados de 1924, no mesmo dia em que os “tenentes” revolucionários evacuaram a cidade de São Paulo, a 28 de julho daquele ano, Octávio Brandão iniciou a redação de seu livro *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de*

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Universidade de São Paulo sob a orientação da Profª Drª Marisa Midori Deaecto. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

¹ Provavelmente a edição utilizada como base para a tradução foi a da Librarie de l'Humanité, de 1921, constante do levantamento das editoras do PCF de Marie-Cécile Bouju: “Manifeste du Parti communiste. Traduction... soigneusement revue et corrigée et accompagnée d'une table analytique et d'un index des noms cités, trad. de l'allemand par Laura Lafargue. Paris : Librairie de l'Humanité, 1922. - 63 p.; in 16.” (BOUJU, 1999: 5)

São Paulo e a guerra de classes no Brasil (MORAES, 2014: 17). São já conhecidas as precárias condições em que foi escrita esta brochura, considerada pela historiografia como a primeira tentativa de interpretação marxista do Brasil. As ideias expostas no texto conformariam a teoria da revolução formulada pelo primeiro núcleo dirigente do PC do Brasil, formado em torno de Astrojildo Pereira e Octávio Brandão.

Buscaremos aqui analisar os livros *Canais e Lagoas* e *Rússia Proletária* de Octávio Brandão, demonstrando a evolução conceitual do autor entre sua primeira obra publicada, ainda no momento de sua participação no movimento anarquista, e o primeiro livro lançado por Brandão após a adesão ao comunismo e ao marxismo. A maior parte da historiografia que tratou do surgimento do PCB citou Octávio Brandão e sua obra, no entanto, sempre de maneira pouco aprofundada ou *en passant*. Dentre os que estudaram a obra de Octávio Brandão, a ampla maioria dedicou-se à sua brochura *Agrarismo e Industrialismo* (MAYER, 1926), considerada a primeira interpretação marxista sobre o Brasil. Leandro Konder (1988: 144-148) expôs visão negativa do texto de Octávio Brandão, alcunhando sua visão da dialética de um “mal-entendido”. João Quartim de Moraes criticou a formulação de Konder, observando que “insistir na artificialidade desta ‘dialética’ seria arrombar uma porta aberta, mas, diferentemente do que sugeriram críticas preconceituosas, quando não francamente debochadas, estas e outras fantasias intelectuais do livro são muito menos importantes do que suas qualidades [...]” (MORAES, 2006: 15). A partir de então, os pesquisadores que se dedicaram à obra de Octávio Brandão seguiram os mesmos passos de Quartim de Moraes: admitiram as deficiências do autor, mas apontaram as qualidades do texto. Boa parte dessa historiografia buscou apontar os “erros” e “acertos” da obra de Brandão, no entanto não houve uma crítica de um ponto de vista teórico à própria ideia de uma leitura como “mal-entendido”. Horacio Tarcus, estudando a recepção de Marx na Argentina, em contraposição à ideia de recepção das ideias como um “mal-entendido” individual, uma leitura incorreta, apontou que “[...] nenhuma recepção é neutra nem total: todo processo de recepção implica um certo grau de seleção e adequação. [...] toda leitura forte é em certo sentido uma ‘má leitura’”. Seguindo a noção de “recepção” de Pierre Bourdieu, no título *Intelectuais, política e poder*, Tarcus assinala que “[...] na base de todo processo de recepção haveria um ‘mal-entendido estrutural’” (Tarcus: 44 e 41, respectivamente).

Portanto, torna-se necessário perscrutar as obras anteriores a *Agrarismo e Industrialismo* para que se possa melhor compreender a evolução dos conceitos formulados pelo marxista pioneiro.

Canais e Lagoas: os ciclos da Terra e do Homem

O primeiro volume de *Canais e Lagoas*, de Octávio Brandão, foi, segundo o autor, terminado no fundamental em outubro de 1917, ainda em Maceió. Em 1918 finalizou o plano geral da obra e o segundo volume. No entanto, apenas o primeiro volume seria publicado. Brandão procurou um editor no Rio de Janeiro, mas não obteve sucesso. Com 1 conto e 750 mil reis, poupança carregada de Alagoas, o autor pagou a publicação do livro do próprio bolso. As economias foram suficientes para a tiragem de apenas 500 exemplares. O livro acabou sendo publicado pela livraria de Jacinto Ribeiro e impresso nas oficinas do *Jornal do Comércio*, saindo no Rio de Janeiro em outubro de 1919 (BRANDÃO, 1978: 141).²

O livro, em uma vista geral, é uma longa descrição de diversos aspectos da região dos canais e das lagoas (Manguaba, ou Lagoa do Sul e Mundahú, ou Lagoa do Norte) do estado de Alagoas. O autor aborda aspectos geológicos, mineralógicos, botânicos, climatológicos além de caracteres antropológicos e sociais. A organização do texto é caótica, ziguezagueante e desencontrada. Como outros livros de Octávio Brandão, a impressão deixada é de que a obra, apesar de abordar um mesmo objeto, trata-se de um apanhado de textos escritos em momentos diferentes.

O estilo é um primeiro aspecto que merece ser abordado. Em suas memórias, Octávio Brandão aponta que o livro “inspira-se na ciência unida à poesia”. O autor claramente busca inspiração no estilo d’*Os Sertões* de Euclides da Cunha. Segundo Brandão, o livro “continua a tradição de Euclides da Cunha” (BRANDÃO, 1978: 141). O livro é inclusive dedicado “À memória altíssima e épica de Euclides da Cunha, a figura masculina da literatura nacional, o Mestre Immortal d’ ‘Os Sertões’, o Barbaro, o Visionario, o Iniciador, a mais alta potencia mental que já existiu em terra brasileira...” Segundo Wilson Martins, que escreve de maneira crítica, “o trabalho de Otávio Brandão é uma descrição histórica de Alagoas, denunciando

² Jacintho Ribeiro dos Santos se especializou na publicação de obras de Direito, mas editou também livros de outras áreas como obras didáticas no campo da história e da geografia (HALLEWELL, 2005: 273).

maciça influência de Euclides da Cunha, *cujo estilo se esfalça por reproduzir [...]*” (MARTINS, 1978: 157-158, grifo meu). No entanto o estilo é titubeante, o que não passa despercebido pelo autor. Segundo Octávio Brandão, o estilo confuso é uma adaptação à natureza labiríntica que por meio dele é retratada:

A terra é nova, ainda menina, incerta, confusa, revôlta, desordenada.

Terra Indecisa. Terra Menina...

E o meu estylo ao querer exprimil-a, só póde ser confuso, indeciso, desordenado.

Tal terra, tal estylo. O estylo subordina-se ao homem, isto é, ao genio do autor, e subordina-se ao assumpto.

Dahi, eu me perder no seio daquelle labyrintho, de modo que o resultado é cansar o cérebro do leitor. (BRANDÃO, 1919: 62)³

Os primeiros capítulos denunciam a tentativa de acrescentar um tom lírico e romântico ao estudo de História Natural, dando à descrição geográfica um tom de epopeia, à semelhança do mestre Euclides:

E na verdade quem, pelos estios enervantes, atravessar o Parahyba em terras do Engenho Novo no Pilar, e lhe vir as aguas mansas, fatigadas, tranquilas, silenciosas, sob um céu impassível e entre arvores torcidas, horrendas, spectraes, quasi agônicas, como no Paúll de Ruysdael, e lhe vir as baronezas lilazantes, as bordas lameirentas e os rastros bovinos, julgará que o meu rio luminoso vem fugyido de alguma batalha, cheio da immensa agonia e da tristeza horrivel dos vencidos. (BRANDÃO, 1919: 42)

Simultaneamente, como já se viu no trecho acima, há a atribuição de características humanas aos elementos da natureza. Ao tratar do rio Mundahú, o autor comenta:

Mas quando, pelo inverno, dilata o seu thorax e o seu hálito volatiliza-se pela ribalta dos brejaes (onde, desde a hora na qual o sol divino calçou a sandália do nascente e partiu pelo firmamento alem, até o instante em que principia a ciranda immortal das estrellas errantes)... onde tremulam festivas lagrimas de luz, então é um rio de aguas fecundantes, a banhar enconstas, a glorificar engenhos, a alegrar campinas; não é mais o rio de uma civilização morta, é a corrente de uma civilização que vive. (BRANDÃO, 1919: 37-38)

Se, por um lado, tal elemento de estilo contribui para atribuir um caráter épico aos elementos naturais, aproximando-o do autor d’*Os Sertões*, por outro lado, e se trata do que mais nos importa aqui, demonstra uma certa visão de mundo, uma certa interpretação científicista da sociedade, demonstrando englobar em um mesmo esquema explicativo as características naturais (geológicas, mineralógicas etc.) e sociais. Em passagem do início da

³ Mantenho a grafia original das palavras em todas as citações dos dois livros abordados ao longo do texto.

obra, em que Octávio Brandão narra uma lenda da chegada dos primeiros homens à região, conclui o autor:

Segundo a mesma [lenda] os mareantes levantaram uma capella, mas é provável que eles tivessem erguido apenas um cruzeiro, que mais tarde se transformou numa capella de palha e finalmente em uma de tijolo, que é a actual e data de 1852, pois a evolução das cousas e dos seres se faz segundo as leis determinadas. (BRANDÃO, 1919: 16, grifo meu)

A busca de uma teoria explicativa que abarque todos os aspectos da vida natural e social é explicitada pela forma de distribuição dos temas na obra. O livro não é dividido em capítulos, mas em “ciclos”⁴. Os doze “ciclos” são: 1 - “Um vôo pelo alto”; 2 - “Os panoramas”; o “ciclo terceiro” é dividido nos “sub-ciclos” “Os rios”, “Os sub-rios” e “Os riachos”; 4 - “Os canais”; 5 - “As lagoas”; o “sexto ciclo” está dividido em três “sub-ciclos”, “As ilhas”, “As sub-ilhas” e “As corôas”; 7 - “Os minerais”; o oitavo, “A história da terra”, dividido nos “sub-ciclos”, “A natividade”, “A evolução”, “a phase actual”, “As cheias”, “Os fenômenos sísmicos” e “Uma synthese”; 9 - “O calor”; 10 - “A humidade”; 11 - “Os meteoros”; 12 - “O clima”.

Mas a teoria explicativa, o plano geral da obra, pode ser observada em um quadro apresentado a partir de uma folha dobrada que se encontra nas primeiras páginas do livro. Trata-se de um quadro que se pretende uma abordagem total dos aspectos geográficos, antropológicos e históricos da região.

Na apresentação do quadro, pode-se perceber que o volume que temos em mãos não segue exatamente o plano proposto. Partindo do quadro que indica o plano geral da obra, percebe-se que o sétimo e o oitavo “ciclos” estão intrometidos, jogando o sétimo, oitavo, nono e décimo “ciclos” para frente, tornando-os nono, décimo, décimo-primeiro e décimo-segundo. Os dois “ciclos” intrometidos são “Os minerais” (que deveria aparecer como 13º “ciclo”) e “A história da terra” (que, no plano geral da obra, não constitui um “ciclo”, mas os de número 14 a 20, agrupados sob o nome “Sob o ponto de vista da geologia”). Em nota de pé de página, no início do “sétimo ciclo”, o autor explica que “este capítulo, como os outros sobre geologia, não era destinado ao lugar que ocupa; motivos particulares, porém, me obrigaram a modificar o schema nesta parte. Entretanto, se eu tiver de tirar novas edições, á definitiva, procurarei segui-lo” (BRANDÃO, 1919: 97). Octávio Brandão não explica quais seriam os “motivos particulares”. No entanto, pelo explicado a partir de seu livro de

⁴ É interessante que Octávio Brandão (1950) lançará mão novamente de sua divisão da obra em “ciclos” em seu livro de ficção *O Caminho*, publicado em 1950.

memórias, pode-se imaginar que se tratem ou da perda de parte do texto, por conta da perseguição repressiva que o levou à fuga apressada para a capital federal; ou ainda da impossibilidade financeira (combinada à falta do editor que se dispusesse a publicar a obra) para a edição de um volume de maiores dimensões. O autor pode ter achado por bem publicar esses dois trechos (que são, aliás, os mais longos e onde se acham as partes mais importantes em termos explicativos e críticos da obra) para que não fossem deixadas à crítica roedora dos ratos.

De qualquer forma, importa mais para os nossos objetivos a abordagem do quadro que apresenta o plano geral da obra. Nele é onde se pode ver definitivamente a visão esquemática a partir da qual o autor observa a realidade. O estudo pretende ser realizado em três partes: A Região; A Gens; A História.⁵ Cada uma das partes é dividida nos “ciclos” que apresentamos acima. A primeira parte possui 20 “ciclos”; a segunda, 18; a terceira 27. Nas duas primeiras, o último “ciclo” é uma síntese. Na terceira, estranhamente a “síntese” está no 16º “ciclo”, sendo assim a síntese de uma subdivisão denominada, “Do Homem”, que vai do 1º ao 15º “ciclos” da terceira parte.

A partir do quadro, percebe-se facilmente que o objetivo é o de assimilar a totalidade das características do objeto – a região dos canais e das lagoas do estado de Alagoas – embutindo em uma mesma análise as características físicas, geológicas, geográficas, climatológicas, antropológicas, sociológicas etc. Possui, dessa forma, *algumas* características típicas do positivismo. Ao citar trecho em que Auguste Comte explicita determinados pressupostos de sua “física social”, Michael Löwy conclui que:

O positivismo comtiano está portanto fundamentado sobre duas premissas essenciais, estreitamente ligadas:

1) A sociedade pode ser epistemologicamente assimilada à natureza (o que nós chamaremos de “naturalismo positivista”); na vida social reina uma harmonia natural.

2) A sociedade é regida por leis naturais, quer dizer, leis invariáveis, independentes da vontade e da ação humana.

Por essas premissas se conclui que o método nas ciências sociais pode e deve ser o mesmo que o das ciências da natureza, com os mesmo métodos de pesquisa e sobretudo com o mesmo caráter de observação “neutra”, objetiva e desligada dos fenômenos. (LÖWY, 1978: 10)

⁵ O volume que foi efetivamente editado em 1919 possui apenas uma pequena parcela desse plano: a primeira parte, “A Região”.

Há algo de importante a se notar. É que, efetivamente, pelo método esquematizado de Octávio Brandão que apresentei acima, nota-se facilmente a característica exposta por Löwy de um “naturalismo positivista”: a possibilidade de assimilar a sociedade à natureza. Por outro lado, é importante ressaltar que, já em *Canais e Lagoas*, aparece um conteúdo de *crítica social*. Dessa forma, não se pode concluir definitivamente que, para Octávio Brandão, a sociedade, sendo regida por leis naturais, seja imune às transformações propiciadas pela ação e vontade humanas. Vejamos o núcleo central da crítica social exposta em *Canais e Lagoas*.

A partir do sexto “ciclo”, que trata das ilhas, há apreciável alteração estilística do texto, passando de uma exaltação romântica à natureza para uma narração mais austera e descritiva. No mesmo passo, começam a surgir pontualmente algumas passagens em que se esboça a apreciação crítica do autor. As críticas, como veremos, centram-se na ação do homem e sua relação com a natureza. Ao descrever as ilhas, o autor aponta que “nenhuma chegou ainda ao seu completo desenvolvimento. Evoluem e hão de evoluir por muitos anos mais, pois nessas paragens tudo avança, menos o Homem que estacionou ha muito.” Quanto à ilha de Santa Ritta: “[...] aquella ilha, entretanto, é uma riqueza que se poderia tornar fabulosa, se não houvesse tanto desleixo.” (BRANDÃO, 1919: 89)

As críticas ainda são vagas. É no sétimo “ciclo”, no entanto, que se encontra o núcleo da crítica elaborada pelo autor. Tal julgamento está, aliás, ligado a um dos conteúdos mais importantes da obra: a defesa da existência de indícios de petróleo na região. As denúncias apresentadas por Octávio Brandão giram em torno de um patriotismo que visa o desenvolvimento nacional, contra um atraso socioeconômico, motivador das mazelas do povo dos canais e lagoas e contrário à perpetuação da dependência externa:

Já é tempo de abrimos os olhos para as nossas riquezas e confiarmos antes nellas, do que nos classicos emprestismos indecentes ou nas promessas fallazes dos nossos pretendidos irmãos latinos ou amigos britannicos, que afinal não passam de sanguesugas insaciaveis
(BRANDÃO, 1919: 133)

E ainda: “Acabemos com a nossa inercia; desistamos do amor exagerado ao estrangeiro em troca de um desprezo generalizado ás cousas nacionaes” (BRANDÃO, 1919: 137). Interessante é notar que a demanda do olhar mais atento às “coisas nacionais” se desdobra não apenas em temas ligados ao desenvolvimento econômico e social, mas também intelectual. Para Octávio Brandão, a intelectualidade seria retrógrada, havendo a necessidade de olhar atentamente para esse aspecto da vida nacional:

Somos um povo de retrocessos: moralmente, a ampliar a decadência romana; literariamente, a copiar o byzantinismo; religiosamente, a repetir o misticismo da Idade Média. Perdemos-nos em discussões estereis, em fallacias tolas, em discursos balofos (BRANDÃO, 1919: 134).

Ao fim do oitavo “ciclo”, A História da Terra, no sexto “sub-ciclo” intitulado “uma synthese”, o autor apresenta um conjunto de 23 reivindicações, dispostas em itens que finalizam seu intuito crítico a partir dos estudos elaborados. Os itens tratam de necessidades práticas, como o imperativo de exploração de determinados minérios, proteção da natureza e ainda de aspectos do desenvolvimento intelectual, por meio da criação de uma universidade e dos estudos da natureza e da sociedade brasileiras.

Assim, podem-se compreender os traços gerais da obra seminal de Octávio Brandão. Inspirado em um certo tipo de positivismo, que o fazia buscar assimilar Homem e Natureza dentro de um só recorte teórico-metodológico, aprendido, como é bastante claro, por meio de sua admiração por Euclides da Cunha, também deste herda uma tendência progressista de crítica social e apelo à necessidade de buscar o melhoramento da nação, passando necessariamente pelo seu conhecimento, tarefa das artes e das ciências. Como veremos adiante, é dentro dessa formação conceitual que Octávio Brandão assimilará o marxismo. Com a especificidade de que o materialismo histórico com o qual travará contato será determinado pela leitura dos revolucionários russos; e o que é também importante, no período ascendente de desenvolvimento da revolução em escala mundial. Tudo isso acarretará uma leitura bastante específica do materialismo histórico por Octávio Brandão.

Rússia Proletária: uma transição

Octávio Brandão expõe em suas memórias as condições nas quais foi editado *Rússia Proletária* (1978: 234-235). O livro teve que ser impresso duas vezes em razão da perseguição policial aos livros comunistas. A primeira tentativa saiu em junho de 1923. No entanto, teve que ser picotada e queimada para não cair nas mãos da polícia política, a qual logo depois invadiu a tipografia no Meier, onde era impresso o livro, e saqueou tudo que havia no local. Ao fim, o livro saiu em 1924, com a data de 1923, para escapar da perseguição de uma lei reacionária que havia sido aprovada.

Segundo seu autor, o livro foi escrito, no fundamental, em 1922. No entanto, como os capítulos são quase todos datados, pode-se ver que foi escrito entre 1º de janeiro de 1922 e 2

dezembro de 1923. Foi editado pelo jornal *Voz Cosmopolita*, ligado ao Centro Cosmopolita, o sindicato dos trabalhadores em hotéis, cafés e restaurantes, com tiragem de 1800 exemplares.

Uma questão interessante é a capa, que foi feita pelo pintor Miguel Capllonch. Vê-se a figura de um operário despedaçando os grilhões de outro enquanto milhares de trabalhadores marcham das cinco partes do mundo em direção ao operário libertador.⁶ A capa está em íntima conexão com o conteúdo que encobre. O livro é uma exaltação à Rússia bolchevique. Aos seus feitos, aos seus líderes, às suas ideias. *Rússia Proletária* marca uma “fase de transição”, como afirma o autor em suas memórias (Brandão, 1978: 235). Transição de suas posturas libertárias às ideias que ele chamará mais tarde “marxismo leninista”.

O livro é dividido em treze partes. À exceção da décima, são todas elas datadas, entre 1922 e 1923. Marca, portanto, o período em que Octávio Brandão se afasta das posturas anarquistas de rejeição ao bolchevismo, passando a defender a revolução e os bolcheviques. É o período em que o Partido Comunista do Brasil é criado, março de 1922, entrando o autor de *Rússia Proletária* no partido ao fim do mesmo ano. Dessa forma, trata-se do primeiro grande texto em que Octávio Brandão buscará defender a Revolução Russa e divulgar a interpretação marxista.

O livro promove uma defesa apaixonada da Rússia revolucionária. Quanto ao estilo, é notável a semelhança com a publicação de 1919, *Canais e Lagoas*: um romantismo agudo. Mas a transição se marca. Se lá temos Alagoas, aqui temos a Mãe-Rússia; se lá temos a Natureza, aqui temos Lenin. Dessa forma, a Revolução de 1917 se torna o fato mais grandioso da humanidade:

Facto capital da Historia Contemporanea, o maior acontecimento da Historia da Humanidade, a Revolução Russa ou, para falar em linguagem marxista, a Revolução Proletaria Mundial no seu sector russo, aparece-nos como um desses marcos fincados no solar dos millenios. (Brandão, 1923: 5)

Um dos poucos críticos que chegaram a dissertar sobre o livro fez seu comentário, em tom claramente provocativo, alcunhando o autor de “poeta da questão econômica”. Por outro lado, o estilo de Octávio Brandão seria inacessível à “plebe”:

O Sr. Octavio Brandão aparece-nos, com as características de um impressionante poeta da questão economica.

⁶ Nota-se que a temática da pintura é a mesma das capas do mais importante órgão de propaganda da Internacional Comunista, a revista *L’Internationale Communiste*, publicada a partir de 1919 em russo, alemão, inglês e francês. Na capa desta revista, o tema é também um trabalhador despedaçando as correntes que prendem o proletariado de todo o mundo.

Com vagar, voltaremos a escrever sobre este livro muitissimo interessante que, a nosso ver, tem um unico defeito, aliás grande virtude para os literatos como o seu autor, não está ao alcance do grande publico. Exige um vasto conhecimento de ciencias phisicas e naturaes, de arqueologia, paleontologia, mythologia, e mesmo de astronomia. (O Paiz, 15 de maio de 1924: 7)

À acusação de impossibilidade de absorção pelo grande público, Octávio Brandão responde no dia seguinte afirmando: “Dizeis que o livro ‘não está ao alcance do grande publico’. De facto. Não, pelas razões que allegaes. Mas sim, porque o grande publico não sabe ler: não ignoraes que o Brasil é composto de 85% de analphabetos [...]” (*O Paiz*, 16 de maio de 1924: 7). A circulação do livro não deve ter sido tão restrita, pois, em 1928, José Caetano de Faria publicará um livro em resposta à brochura de Octávio Brandão, *A fallencia da Russia proletaria* (1928). Segundo um articulista não identificado do jornal *O Paiz*, no número de 19 de agosto de 1928, o livro de José Caetano representa “[...] sem dúvida, um dos mais oportunos depoimentos em torno do regimen sovietico e de suas damnosas consequencias na vida dos povos occidentaes” e busca “refutar as affirmativas do Sr. Octavio Brandão em sua obra intitulada *A Russia proletaria*” (*O Paiz*, 19 de agosto de 1928: 4).

Os diversos capítulos do livro tratam de temas que se ligam à revolução e às ideias dela emanadas. Busca louvar a obra dos bolcheviques, de Lenin e Trotsky. Argumenta com os anarquistas, buscando demonstrar as falhas de seus ataques ao bolchevismo e conclama-os à adesão ao Partido Comunista e à revolução bolchevique. Explica algumas ideias que atribui à revolução e ao marxismo, demonstrando mesmo alguma carga de leitura de textos em espanhol, francês e alemão. Grande parte de suas informações parte dos órgãos do Komintern, demonstrando relativamente largo acesso a esses canais de comunicação. Pode-se perceber a existência de muitas referências aos órgãos de divulgação do Komintern e do Partido Comunista Francês. Das 125 notas de rodapé distribuídas ao longo de 264 páginas do livro, há referências a esses órgãos em 24 delas (19,2%).

Aparece no texto uma primeira tentativa de interpretação da realidade brasileira, à luz do que o autor entendia por marxismo. Vê-se que Octávio Brandão, de *Canais e Lagoas a Rússia Proletária*, avançou da exaltação do “povo” para a categoria do “proletariado”. Como afirma logo de início, “na matta virgem dos preconceitos capitalistas, o povo russo ou, para falar mais claramente, o proletariado da Russia teve a gloria de abrir a picada” (Brandão, 1923: 5). Seguindo tal caminho, a interpretação do Brasil partirá, em *Rússia Proletária*, da

exposição das diversas categorias que, para o seu autor, formam a composição social brasileira.

Elaboramos a seguinte tabela, que demonstra claramente o esquematismo do pensamento de Octávio Brandão e sua interpretação sobre a composição social brasileira.⁷

Composição social brasileira	
PRIMEIRA PARTE <i>Elemento pré-histórico</i>	
Categoria social	Características
1º Selvagem <i>nambiquára</i>	Representa a <i>idade da pedra</i> . Período paleolítico com resquícios de neolítico.
SEGUNDA PARTE <i>Elementos históricos</i>	
I – Primitivos	
a) Explorados	
2º O seringueiro da Amazonia	Rapina econômica e destruição dos recursos naturais. Irmãos colaços: cauteheiro, balateiro, garimpeiro e hervateiro.
3º Vaqueiro do Piauí e de Goiás	Pastor-cavaleiro. Nomadismo. Certa independência moral e material. Irmão gêmeo: o gaúcho.
b) Exploradores	
4º Dono do seringal	Parasita do seringueiro. Falta de escrúpulos.
5º Criador	“Piolho” do vaqueiro.
II – Medievais	
a) Agrários	
Explorados	
6º Trabalhador de enxada dos engenhos nortistas	Representa a <i>servidão</i> .*
7º Rendeiro	Arrendatário de lotes de terras nos engenhos. Representa a forma superior da <i>servidão</i> , a <i>renda</i> . Irmãos gêmeos: o meeiro do Norte e o colono-rendeiro do Sul.
Exploradores	
8º Senhor de engenho de açúcar	Parasita do trabalhador de enxada e do rendeiro.
9º Fazendeiro de café	“Piolho” do colono-servo.
b) Operários aburguesados	
10º Artesão (das grandes e, especialmente, das pequenas cidades)	Individualismo.**
c) Burgueses	

⁷ Elaborado a partir de: (Brandão, 1923: 144-146). Mantemos também na tabela a grafia original das palavras.

11° Pequeno-burguês	Hesitação. Sua convicção é não ter convicções.***
III – Medieval-modernos	
a) Explorados	
12° Caixeiro	Sacrificar tudo em prol do vestuário.
13° Pequeno funcionário público	Esperança de subir de categoria. Meios para isso: tempo e servilismo.
b) Exploradores	
14° Médio-burguês	****
IV – Modernos	
a) Explorados	
15° Operário das fábricas do Rio e de S. Paulo	Irmãos gêmeos: Ferroviário e Marítimo.
b) Exploradores	
16° Grande burguês	O grande comerciante e, especialmente o grande industrial do Rio e de S. Paulo. Irmãos gêmeos: o banqueiro e o grande proprietário predial.
c) Raposas Sociais	
17° Todo elemento que vive de uma das artes liberais.	Vai nas pegadas do lobo capitalista para devorar-lhe as sobras. Advogado, médico dentista.
d) Espúrios	
18° Todo elemento das suburras	Jogador, rufião, prostituta.

A divisão social, a partir dessa recém-elaborada interpretação do marxismo do autor de *Rússia Proletária*, está relacionada a elementos de diferentes períodos históricos coabitantes. O elemento indígena é caracterizado como pré-histórico e representado pelo nambiquára. O período denominado histórico é representado pelas categorias “primitivo”, “medieval”, “medieval-moderno” e “moderno”. As categorias primitivas seriam aquelas ligadas à exploração extrativa. As medievais, à agricultura. As medieval-modernas, a funções urbanas não industriais. Por fim, as modernas se confundem com o setor industrial.

O avanço central na elaboração teórica de Octávio Brandão foi a introdução da divisão de classes, percebendo a relação entre exploradores e explorados. Se, em *Canais e Lagoas*, o comunista alagoano denunciava as mazelas do “povo” e do “Homem”, em *Rússia Proletária* serão as categorias sociais exploradas aquelas que receberão atenção. Tais elementos estarão, pela primeira vez, voltados à tentativa de compreender a realidade social do Brasil.

Por outro lado, pode-se perceber facilmente que, apesar de haver uma suposta divisão em “períodos”, não há qualquer intenção de se lançar mão da história para a compreensão da divisão de classes. A divisão se assemelha muito mais à distribuição em “ciclos”, elaborada em *Canais e Lagoas*. Trata-se de um desdobramento da percepção positivista da realidade, buscando introduzir elementos da crítica bolchevique aprendidos por meio dos órgãos de comunicação do Komintern e dos livros importados.

Em seguida à caracterização da composição social brasileira, o autor definirá os passos que deve tomar o proletariado brasileiro a partir de uma “tática marxista”:

Que nos preconiza, a respeito, a tática marxista? Lutar contra os elementos parasitários primitivos e medievais (dono de seringal, criador, senhor de engenho, fazendeiro de café), afim de apressar a sua decomposição pelo capitalismo; combater o elemento burguez moderno (grande industrial) a favor do proletariado; despertar a consciencia de classe, organizando e doutrinando os elementos proletarios primitivos, medievais e modernos (seringueiro, vaqueiro, trabalhador de enxada, rendeiro), tomando como apoio o operário dos grandes centros industriaes; neutralizar todos os elementos intermediarios, indecisos (pequeno-burguez). (Brandão, 1923: 147)

Ao integrar ao plano de análise categorias sociais “medievais” e “medievo-modernas”, a caracterização da sociedade brasileira parece indicar uma interpretação que levaria à “revolução por etapas”, marca da teorização do marxismo-leninismo do período stalinista. No entanto, nota-se facilmente não ser o caso, a partir das propostas práticas de Octávio Brandão. O comunista alagoano apresenta como a “tática marxista”, a luta, *simultaneamente*: 1) contra os elementos “parasitários primitivos e medievais”, isto é, os exploradores caracterizados como “primitivos” e “medievais” (dono de seringal, criador, senhor de engenho, fazendeiro de café, artesão e pequeno-burguês) para que o capitalismo (entendido, claramente, como o *capitalismo industrial*) os decomponha; 2) contra o elemento burguês moderno, ou seja, contra o capitalista industrial; 3) em favor da neutralização dos elementos intermediários (basicamente a pequena burguesia). Apesar da interpretação da realidade por meio da adequação das diversas categorias da sociedade em “temporalidades” distintas e a necessidade de superar o atraso, a revolução socialista *imediate* se põe como tarefa, e só ela poderá levar a tal superação:

*Que abysmo entre o nambiquára e o operario comunista do Rio!
Entre os dois, interpõe-se uma evolução de varias dezenas de millenios, evolução que, todavia, poderá ser conseguida dentro de algumas dezenas de annos de regimen comunista. (Brandão, 1923: 147)*

Analisando a obra principal de Octávio Brandão, *Agrarismo e Industrialismo*, Alvaro Bianchi notou um ecletismo nas teses do comunista, “nas quais a noção de etapa era articulada com uma estratégia aparentemente incompatível [...]” (Bianchi, 2012: 141). Apesar de haver algumas contradições internas ao texto de *Agrarismo e Industrialismo*, segundo Bianchi (2012: 139-141) há nele a defesa de uma ideia de revolução permanente.⁸ É possível perceber que nas formulações de Octávio Brandão em *Rússia Proletária*, já estão dados alguns aspectos que levarão a formação de uma teoria da revolução na obra publicada em 1926.

Em opúsculo de 1924 sobre o pensamento de Lenin, György Lukács afirmava: “A atualidade da revolução: essa é a ideia principal de Lenin e, ao mesmo tempo, o ponto que o liga decisivamente a Marx” (LUKÁCS, [1924] 2012: 31, grifo do original). E ainda: “A atualidade da revolução determina o tom de toda uma época” (LUKÁCS: 32). Serge Wolikow, ao abordar o projeto editorial da Internacional Comunista, observa que, nos primeiros anos de atividade editorial, pode-se ver a marca da proximidade da perspectiva revolucionária mundial (WOLIKOW, 2010: 154). É interessante verificar que, de fundo, o que guia o pensamento de Octávio Brandão em *Rússia Proletária* é a convicção de se encontrar no período da revolução mundial triunfante. Se a Revolução de Outubro podia ser encarada como a “Revolução Proletária Mundial em seu setor russo”, a Revolução Brasileira encontrar-se-ia no mesmo esquema intelectual, no setor brasileiro. Ainda que não escape das categorias intelectuais formuladas em sua obra de estreia, *Canais e Lagoas*, Octávio Brandão demonstra simultaneamente estar orientado pelas proposições da revolução mundial em marcha.

Referências bibliográficas

- BATALHA, Claudio H. M. (org), *Dicionário do movimento operário. Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920. Militantes e organizações*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.
- BIANCHI, Alvaro. Octavio Brandão e o confisco da memória: nota à margem da história do comunismo brasileiro. *Crítica Marxista*, São Paulo, Editora UNESP, no 34, 2012, pp. 133-149.

⁸ Cumpre lembrar que a terceira parte do livro se chama “A revolta permanente” (MAYER, 1926: 69-85).

- BOUJU, Marie-Cécile, *Catalogue de la production des maisons d'édition du Parti Communiste Français 1921-1956* [en ligne]. 1999.
- BRANDÃO, Octávio. *Canaes e Lagôas*. Vol. 1. Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, 1919.
- _____. *Combates e batalhas*. Memórias. 1º volume. São Paulo, Alfa-Ômega, 1978.
- _____. *O caminho*, Rio de Janeiro, s/n, 1950.
- _____. *Russia proletaria*. Rio de Janeiro, Voz Cosmopolita, 1923.
- FARIA, José Caetano de. *A fallencia da Russia proletaria*. Rio de Janeiro, Graphica Sauer, 1928.
- Hallewell, Laurence, *O livro no Brasil: sua história*. 2ª ed. rev. e ampl., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005, p. 273.
- KONDER, Leandro. *A derrota da dialética*. A recepção das idéias de Marx no Brasil, até o início dos anos trinta. Rio de Janeiro, Campus, 1988.
- LÖWY, Michael. *Método dialético e teoria política*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978
- LUKÁCS, György. *Lenin: um estudo sobre a unidade de seu pensamento*. São Paulo, Boitempo, 2012.
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. Vol. VI (1915-1933). São Paulo, Cultrix/ Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978.
- MAYER, Fritz [pseud. Octávio Brandão]. *Agrarismo e Industrialismo*. Buenos Aires [Rio de Janeiro], s/n, 1926.
- MORAES, João Quartim de. “Octávio Brandão” in: Pericás, Luiz Bernardo; Secco, Lincoln (orgs.), *Intérpretes do Brasil*. Clássicos, rebeldes e renegados, São Paulo: Boitempo, 2014
- _____. Um livro fundador. In: BRANDÃO, Octávio. *Agrarismo e industrialismo: ensaio marxista-leninista sobre a revolta de São Paulo e a guerra de classes no Brasil – 1924*. 2ª ed. São Paulo, Anita Garibaldi, 2006, pp. 11-18.
- TARCUS, Horacio. *Marx en la Argentina*. Sus primeros lectores obreros, intelectuales y científicos. Buenos Aires, Siglo XXI, 2007.
- WOLIKOW, Serge *L'Internationale communiste (1919-1943)*. Le Komintern ou le rêve déchu du parti mondial de la révolution, Paris: Les Éditions de l'Atelier, 2010.

O Paiz. 15 de maio de 1924, p. 7. Seção “No meio operario”.

O Paiz. 16 de maio de 1924, p. 7. Seção “No meio operario”.

O Paiz. Impressões de leitura. 19 de agosto de 1928, p. 4.